



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DA PARAÍBA  
ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA**

**CULTURA, LAZER E RESISTÊNCIA: OS ESTUDANTES CAMPINENSES  
ENTRAM EM CENA EM TEMPOS DE DITADURA MILITAR NA PARAÍBA  
(DÉCADA DE 1960)**

**Campina Grande – PB  
2014**

**ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA**

**CULTURA, LAZER E RESISTÊNCIA: OS ESTUDANTES CAMPINENSES  
ENTRAM EM CENA EM TEMPOS DE DITADURA MILITAR NA PARAÍBA  
(DÉCADA DE 1960)**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> MS. Silvânia Karla de Farias Lima

**Campina Grande – PB  
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586c Silva, Rosicleide Henrique da  
Cultura, lazer e resistência [manuscrito] : os estudantes campinenses entram em cena em tempos de ditadura militar na Paraíba (década de 60) / Rosicleide Henrique da Silva. - 2014. 37 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof<sup>a</sup>. Silvânia Karla de Farias Lima, Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".

1. Movimento Social. 2. Ditadura Militar. 3. Campina Grande. I. Título.


21. ed. CDD 303.38

**ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA**

**Cultura, Lazer e Resistência: os estudantes campinenses entram em cena  
em tempos de Ditadura Militar na Paraíba (década de 60).**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 27/09/2014



Profª Drª Silvânia Karla de Farias Lima  
/ UEPB  
Orientadora



Profª. Dr.ª Jussara Natália Moreira Bélens  
Examinador (a)



Profª. MS. José Marciano Monteiro  
Examinador (a)

## DEDICATÓRIA

Ao meu pai LORIVAL HENRIQUE DA SILVA (in memória)  
porque seu exemplo de Amor à vida e superação diante das  
dificuldades me fez chegar até aqui;

A minha mãe MARIA DAS DORES FERREIRA DA SILVA  
por ser Amor Incondicional na minha vida;

Ao meu marido DAVI FERREIRA DA SILVA por  
compreender a minha ausência e me incentivar sempre na busca  
do conhecimento;

A minha Orientadora Silvânia Karla de Farias Lima por ser  
exemplo de ser humana e profissional dedicada;

A todos e todas que vivenciaram a década de sessenta e se  
opuseram a Ditadura Militar na Paraíba.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pela FORÇA que me concedeu ao longo dessa caminhada;

Aos meus pais Lourival Henrique da Silva (in memória) e Maria das Dores Ferreira da Silva pelos exemplos de Luta e Amor incondicional. Obrigada por terem me conduzido aos caminhos do Saber. Amo vocês pra SEMPRE;

Ao meu marido Davi Ferreira da Silva pelo incentivo ao longo dessa e de tantas outras caminhadas. Obrigada pelo apoio cotidiano;

Ao meu irmão Sandoval e minhas irmãs Rosângela, Rosemary e Rosineide pelas conversas e palavras de incentivo;

A Isabella Nunes, minha sobrinha de 1 ano de idade, que deixou minha vida mais leve e doce, trazendo-me um novo tom, ou melhor, novos tons de rosa, branco e lilás. Tia te ama muito e obrigada por ser Amor;

A minha orientadora Silvânia Karla pela disponibilidade em orientar esse trabalho, pelas conversas, pelas palavras de incentivo. Obrigada pelo exemplo de profissional e ser humano;

Aos professores e professoras do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares meu muito obrigada pelos conhecimentos compartilhados;

Aos colegas de Turma Sala 119 e Sala 120 pelos conhecimentos compartilhados através das discussões, realização de seminários ou pesquisa em campo. Quero agradecer especialmente aos amigos Robson, Sandro e Akira, bem como as minhas amigas Rejanira, Roseane, Miebt e Marília que deixaram essa caminhada mais leve. “Quem entendeu respira” (risos). Obrigada pelas conversas cheias de graça que terminavam sempre e grandes risadas, pelos cafés demorados nos meios das manhãs de sábado, por compartilhar as histórias de sala de aula ocorridas durante a semana de trabalho. Um grande abraço. Adoro vocês. Sucesso!!

Por fim, agradeço a todos e todas que vivenciaram a década de sessenta, principalmente os estudantes que lutaram contra a ditadura militar, acreditando em dias melhores.

"A função do historiador é lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer." – Peter Burke

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo falar sobre a atuação dos estudantes campinenses relacionados aos espaços de cultura, lazer e resistência no contexto da ditadura militar na Paraíba. O tema está inserido no âmbito da Educação e está dividido em três capítulos: no Capítulo I evidenciamos a realização de programações culturais dos estudantes universitários no período da ditadura militar em Campina Grande. No Capítulo II chamamos atenção para os espaços de sociabilidade de Campina Grande como o Centro Estudantil Campinense(CEC) e o Clube dos Estudantes Universitários(CEU). Já no Capítulo III enfatizamos a repressão relacionando a censura a música popular brasileira, bem como a análise da letra de música Eu te amo meu Brasil dos compositores Dom e Ravel.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudante. Ditadura Militar. Campina Grande-PB.



## **A B S T R A C T**

This paper aims to discuss the performance of students campinenses related to the spaces of culture, leisure and resistance in the context of the military dictatorship in Paraíba. The theme is inserted under the Education and is divided into three chapters: Chapter I we noted in conducting cultural programs of the college students during the military dictatorship in Campina Grande. In Chapter II we call attention to the social spaces of Campina Grande as Estudantal Campinense Center (CEC) and the Club of University Students (CEU). Already emphasized in Chapter III repression relating censorship Brazilian popular music, as well as analysis of the lyric I love you my Brazil composers Ravel and Sun.

**KEYWORDS:** Student. Military dictatorship. Campina Grande-PB.

## **LISTA DE SIGLAS**

AI-5	Ato Institucional nº 05
AP	Ação Popular
CEC	Centro Estudantal Campinense
CEU	Clube dos Estudantes Universitários
DB	Diário da Borborema
DDC	Divisão de Difusão Cultural
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
DNI	Departamento Nacional de Informações
FACE	Faculdade de Ciências Econômicas
MPB	Música Popular Brasileira
POLI	Politécnica
URN	Universidade Regional do Nordeste

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Objetivos.....</b>	<b>12</b>
<b>2. UNIVERSIDADE E ESTUDANTES: A REALIZAÇÃO DAS PROGRAMAÇÕES CULTURAIS DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM TEMPOS DE DITADURA.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Contexto.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Os estudantes entram em cena: as Programações Culturais nas Universidades.....</b>	<b>14</b>
<b>2.3 Atuação da Igreja e dos estudantes campinenses.....</b>	<b>16</b>
<b>3. CAMPINA GRANDE-PB: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE, LASER E RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE DITADURA.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 Semana do Estudante e a atuação do Centro Estudantil Campinense (CEC).....</b>	<b>18</b>
<b>3.2 O Trote, a Calourada Cultural e o CEU: realizações estudantis.....</b>	<b>21</b>
<b>4. “A MENINA DOS OLHOS DA REPRESSÃO”: CENSURA A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR.....</b>	<b>26</b>
<b>4.1 Surgimento da MPB e o contexto de 1968.....</b>	<b>26</b>
<b>4.2 Breve análise da letra de música – Eu te amo meu Brasil.....</b>	<b>28</b>
<b>5. METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o Objetivo de mostrar como ocorria a vida cultural dos estudantes de Campina Grande-PB após a instauração do Golpe militar no Brasil em 1964, chamando à atenção para as atividades culturais, realizadas na cidade, e que contava com a participação dos estudantes secundaristas e universitários.

Nesse sentido, se evidencia, através das pesquisas realizadas, que os estudantes campinenses, sejam secundaristas ou universitários, tinham uma vida cultural ativa mesmo após a instauração da Ditadura Militar. E suas atuações estavam relacionadas às realizações de atividades culturais que contava com Palestras, Debates e Conferências. Assim, mesmo com a censura e a perseguição, enquanto parte do processo da instauração do golpe militar no Brasil, mostra-se que os estudantes continuaram se reunindo através dessas atividades culturais.

Utilizar-se-á o Jornal Diário da Borborema, enquanto fonte de pesquisa, para analisar como se dava essa participação estudantil campinense relacionado aos eventos culturais. Alguns desses eventos eram organizados pelas Universidades da época, como o convite que foi feito ao sociólogo Gilberto Freyre e outro ao arcebispo da Paraíba Dom José Maria Pires, como a FACE-Faculdade de Ciências Econômicas e a Universidade Regional do Nordeste, respectivamente.

Nesse contexto em que os estudantes buscavam promover a realização de atividades culturais, é interessante ressaltar que se contava com discussões sobre Cinema e Literatura. Sendo que a vinda de artistas como Gilberto Freyre para a Universidade partia mais de interesses da própria Instituição com suas lideranças estudantis que estavam em consonância com as forças militares e o próprio regime militar, do que uma iniciativa do movimento estudantil da época.

Além das Conferências e Palestras, os estudantes campinenses também se envolviam nos cursos de música, teatro e arte, através da chamada Difusão Cultural que ocorreu na Universidade da Paraíba, contando com a participação de estudantes e professores dessa Instituição.

Com relação aos estudantes secundaristas, o nosso trabalho chama a atenção para a atuação do Centro Estudantil Campinense (CEC) na realização da Semana do Estudante que contou com atividades culturais desenvolvidas pelos estudantes secundaristas da época.

Nesses eventos culturais promovidos pelo CEC também tinha a participação dos estudantes universitários.

Mostra-se que, a princípio, foi proibido dentro da POLI o trote. O trote era caracterizado como um evento violento, sendo esse discurso utilizado para que ele fosse substituído por uma Calourada cultural. Dentro desse ideário de Calourada Cultural, se evidencia como se deu a chamada “Festa do Calouro”, promovida pelo Clube dos Estudantes Universitários de Campina Grande. Sendo esse um espaço de sociabilidade entre os estudantes até o ano de 1969 quando foi fechado em consequência do aumento da repressão e do endurecimento do regime militar.

Por fim, se fará uma breve análise da letra da música “Eu te amo meu Brasil” composta pelo cantor Dom da dupla, Dom e Ravel, no início dos anos 1970, ao se identificar que, diferentemente de outras composições que denotam a contestação ao regime militar. Essa letra buscava uma exaltação do país num período ditatorial.

### **1.1 Objetivos**

Este trabalho está dividido a partir de três objetivos principais:

- Universidade e estudantes: abordar a realização das programações culturais dos estudantes universitários em tempos de ditadura;
- Campina Grande-PB: apontar os espaços de sociabilidade, lazer e resistência em tempos de ditadura;
- “A menina dos olhos da repressão”: destacar a censura à música popular brasileira no período da ditadura militar.

# **UNIVERSIDADE E ESTUDANTES: A REALIZAÇÃO DAS PROGRAMAÇÕES CULTURAIS DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM TEMPOS DE DITADURA**

## **1. Contexto**

De acordo com o historiador Carlos Fico (2014)<sup>1</sup> “o Golpe de Estado de 1964 é o evento-chave da história do Brasil recente, pois dificilmente se compreenderá o país atualmente sem que se perceba o verdadeiro alcance daquele momento decisivo”. Nesse sentido, com o golpe militar no Brasil no dia 31 de março de 1964 a sociedade passa a vivenciar uma ditadura militar e esse momento representará na sociedade um período crucial da nossa história contemporânea que resultou em acontecimentos como perseguição, tortura e morte de estudantes, por exemplo.

Em nossas pesquisas contatamos que muito se vem discutindo sobre o golpe de 1964 e os estudiosos interpretam esse período a partir de diversos olhares<sup>2</sup>. Também há uma discussão acerca do uso do termo Ditadura Militar ou Ditadura Civil-militar, onde historiadores, a exemplo de Carlo Fico (2014)<sup>3</sup> denomina esse período como civil-militar. Para ele, o golpe militar teve apoio da sociedade e dos civis. Assim, “Governadores, parlamentares, lideranças civis brasileiras- e até o governo dos Estados Unidos da América- foram conspiradores e deflagradores efetivos, tendo papel ativo como estrategistas”.

No entanto, ao longo do nosso trabalho recorreremos ao uso do termo Ditadura Militar ao evidenciarmos o período que o Brasil vivenciou uma falta de democracia, ocasionando a perda das formas de liberdade, na perseguição política e na repressão. Nesse sentido, levando-se em consideração o uso desse termo estamos relacionando a ideia de que a posição dos militares se sobrepôs as demais classes sociais da época.

### **1.2 Os estudantes entram em cena: as Programações Culturais nas Universidades**

Nesse sentido, mesmo no período posterior a instauração do golpe militar na Paraíba, os estudantes de Campina Grande-PB<sup>4</sup> buscavam promover na Universidade a realização de atividades culturais que contava com debates sobre a Música Popular Brasileira. Bem como discussões em torno do Cinema e Literatura Brasileira, uma vez que essas programações possibilitavam a propagação de novas ideias e discussões acerca da sociedade da época.

Pesquisando no Jornal DB, encontramos uma reportagem que evidencia a pretensão da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) de trazer Gilberto Freyre para Conferência. Assim, de acordo com matéria divulgada pelo DB<sup>5</sup>

O universitário Arlindo Almeida, presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas, informou à reportagem que irá ao Recife a fim de manter entendimentos com o prof. Mauro Mota, Diretor Executivo do Instituto Joaquim Nabuco de pesquisas Sociais. Nesses contatos solicitará ao dirigente o IJNPS a vinda de técnico e economistas daquela instituição para ministrarem cursos na FACE.

O informante, em companhia de seu colega Exedito Pequeno, visitará o sociólogo Gilberto Freyre para realizar conferência no auditório daquela unidade de ensino superior de C. Grande.

Recorda-se que, há meses atrás, o escritor Lopes de Andrade, viajou ao Recife a frente de uma turma de alunos da Faculdade de Ciências Econômicas desta cidade, levando-a a presença do prof. Mauro Mota e do autor de “Casa Grande & Senzala”, para estabelecer contatos de natureza cultural. Naquela ocasião, como se recorda, o sr. Gilberto Freyre comprometeu-se com nosso confrade Lopes de Andrade a visitar Campina Grande no início de 1965, pois ao ser convidado, achava-se de malas arrumadas para empreender uma viagem aos Estados Unidos. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 17 DE JANEIRO DE 1965, p. 5)

Com relação a essa matéria divulgada pelo Jornal DB levantamos a hipótese de que a iniciativa de presidente do Diretório Acadêmico em trazer Gilberto Freyre para palestra na Universidade partia do interesse de estudantes considerados interventores, ou seja, possivelmente essas lideranças estudantis estavam em consonância com as forças militares e o próprio regime militar. Trazer Gilberto Freyre, considerado de direita ao apoiar o golpe militar no Brasil, para palestra partia mais de uma decisão de lideranças estudantis que seguiam o regime militar na tentativa de apaziguamento dos ânimos entre os estudantes, do que uma decisão dos próprios estudantes que formavam o movimento estudantil na época.

Dando continuidade a pesquisa, procuramos entender melhor como estava sendo preparada a programação de homenagem ao Sociólogo Gilberto Freyre que estaria em Campina Grande para Conferência com os estudantes universitários da FACE. Havia uma preocupação por parte da Diretoria da FACE em organizar tal evento? De que forma isso aconteceu? Assim, nas páginas do Jornal DB<sup>6</sup> foi noticiada, na época, que:

[...] A Diretoria da FACE oferecerá um jantar ao ilustre escritor e sua esposa, na noite do dia 10 e o Rotary Club local homenageará o sociólogo na próxima quinta-feira, por ocasião do seu almoço reunião, quando o autor de “Casa Grande & Senzala” será saudado pelo rotariano José Gaudêncio de Brito, também professor da FACE.

Durante sua estada em nosso meio, o professor Gilberto Freyre percorrerá os principais pontos da cidade e visitará a Livraria Pedrosa, montará um “stand” contendo todas as obras do renomado mestre.

O Diretor da FACE, professor José Paulino Filho está coordenando todas as homenagens a serem tributadas em Campina Grande ao escritor Gilberto Freyre que vem a esta cidade atendendo a convite daquela Escola Superior. (JORNAL DIÁRIO DA BORBOREMA, 5 DE MARÇO DE 1965, p. 3)

A realização de Conferências fazia parte da vida estudantil dos universitários de Campina Grande. Nas matérias apresentadas acima, constatamos as atividades culturais que estavam sendo desenvolvidas pela Direção da FACE e pelas lideranças estudantis que lá estavam matriculados. Porém, essas atividades culturais desenvolvidas por tal Instituição não ocorria de forma isolada em Campina Grande, pois em nossas pesquisas constatamos que outras Instituições também desenvolviam suas programações culturais com os estudantes da época.

Dentre as programações que envolviam os estudantes verificamos em nossas pesquisas que a Universidade Regional do Nordeste foi matéria no Jornal DB<sup>7</sup> quando se anunciava à vinda do arcebispo Dom José Maria Pires para uma aula inaugural nesta Instituição. Vejamos o que se apresenta na seguinte matéria:

O bacharel Raimundo Asfora viajou anteontem à capital do estado, com a finalidade de formular um convite oficial, em nome da Reitoria da Universidade Regional do Nordeste ao arcebispo Dom José Maria Pires, para proferir a aula inaugural da Faculdade de Direito de Campina Grande, fixada para o próximo sábado. No contato mantido entre Raimundo Asfora e Dom José Maria Pires este aceitou imediatamente o convite dizendo que isto para ele “significa uma grande honra” (DIÁRIO DA BORBOREMA, 28 DE FEVEREIRO DE 1966, p. 6).

De acordo com a matéria divulgada pelo Jornal Diário da Borborema levantamos a hipótese de que, nesse momento, estava ocorrendo certos conflitos no interior da Universidade, uma vez que uma das maiores forças, a AP (Ação Popular) foi sufocada e havia uma tentativa de retomada da Ação Popular nesse contexto. Nesse sentido, o convite feito a Dom José Maria Pires, uma liderança da Igreja na época, seria uma tentativa de retomada das lutas estudantis após a instauração da ditadura militar.



### 1.3 Atuação da Igreja e dos estudantes campinenses

Os estudantes campinenses além de buscar estabelecer vínculos com estudantes de outras cidades, também buscavam se relacionar com autoridades representantes da Igreja através de Palestras, demonstrando assim a relação que existia entre Igreja e Juventude. Nessa mesma matéria que dava ênfase a vinda do Arcebispo Dom José Maria Pires para aula inaugural na URN ficou evidenciado que “após consultar a sua agenda, seria impossível a sua presença em Campina Grande, mas que se sentiria profundamente honrado se pudesse falar à juventude universitária campinense”<sup>8</sup>.

Em nossas pesquisas não constatamos se em 1966 ocorreu, de fato, a vinda do Arcebispo para aquela aula inaugural, no entanto, compreendemos que os estudantes de Campina Grande buscavam vivenciar esses momentos culturais que eram promovidos em parceria com a Universidade da época.

Os estudantes campinenses também buscavam se envolver “em setores artísticos com cursos livres de músicas, teatro e artes plásticas que formavam a Divisão de Difusão Cultural da Universidade da Paraíba”<sup>9</sup>. No campo da música, por exemplo, eram oferecidas “aulas permanentes de pianos, violino, viola, contrabaixo, teoria e solfejo, harmonia e morfologia, história da música e Iniciação Musical”.

Sendo assim, a própria Instituição era responsável por promover esses eventos culturais que contava com considerável número de alunos matriculados, além da participação de professores da própria Instituição. Pesquisando no Jornal DB<sup>10</sup>, encontramos a seguinte matéria:

O professor Rubens Teixeira é o coordenador do Curso de Teatro, que se divide em duas partes: formação de atores(53 alunos), Interpretação e Expressão Corporal , a cargo da professora Leslie McAneny, direção e impositação da voz , a cargo do Professor Rubens Teixeira, história do espetáculo com o professor Hermilo Boba Filho e caracterização com maquiagem, a cargo da professora Ana C. Lima.(DIÁRIO DA BORBOREMA, 21 DE MAIO DE 1966. p.08)

É interessante ressaltar que não somente os estudantes universitários tinham uma vida cultural, mas os estudantes secundaristas também organizavam suas atividades culturais a partir, por exemplo, do Centro Estudantal Campinense (CEC). Onde era informado à sociedade um calendário das festividades que contava com Jogos entre as Escolas da época,

organização de desfiles de estudantes que estavam participando desse momento cultural, exibição de filmes a partir do Cineclube Glauber Rocha, além de outras atividades culturais.

## **CAMPINA GRANDE-PB: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE, LASER E RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE DITADURA**

### **2.1 Semana do Estudante e a atuação do Centro Estudantil Campinense (CEC)**

Sobre essas atividades culturais desenvolvidas pelos estudantes secundaristas, encontramos uma matéria no Jornal DB<sup>11</sup> que dá ênfase a organização da Semana do Estudante em Campina Grande no ano de 1966. Vejamos o que a matéria nos informa:

Conforme nota convite distribuído pela Secretaria do Centro Estudantil Campinense, é o seguinte calendário das festividades.

Quinta-feira, onze de agosto, às oito horas, hasteamento da Bandeira Nacional, ao som da banda marcial do Colégio 11 de Outubro, em frente ao edifício dos Correios e Telégrafos, com a presença de diversas delegações; às nove horas, abertura (solene) dos Jogos Intercolegiais Comemorativos, seguindo-se desfile das equipes participantes, com a colaboração da Filarmônica “Epitácio Pessoa”, no Ginásio da Associação Atlética do Brasil; às quatorze horas[...] às vinte horas, sessão solene de posse do novo Conselho Fiscal do Centro Estudantil Campinense, no auditório do Colégio da Imaculada Conceição.

Sábado, dia treze às quatorze horas, prosseguimento dos jogos Intercolegiais Comemorativos na quadra da Associação Atlética Banco do Brasil; às dezenove horas e trinta minutos audição especial do programa Porta-voz Estudantil pela Rádio Caturité; às vinte horas, exibição do filme “Duas Amigas”, na sessão de gala, no auditório do Colégio da Imaculada Conceição, promoção do Cineclube “Glauber Rocha”- entrada gratuita.

Domingo, dia quatorze, às oito horas, missa em ação de graças na catedral de Nossa senhora da Conceição, às quatorze horas na quadra da AABB, prosseguimento dos Jogos, às quinze horas no ginásio da AABB matiné dançante (ritmos modernos), com participação de vários conjuntos “YE, EY, YE” da cidade[...].

A Programação cultural promovida pelo Centro Estudantil Campinense (CEC) contava ainda com Missa na Catedral Nossa Senhora da Conceição, realização de jogos, festivais de músicas dançantes além da entrega de medalhas aos vencedores dos Jogos em comemoração a Semana do Estudante. Dessa forma, os estudantes campinenses buscavam promover, no início dos anos 1960, atividades diversificadas desde o laser até questões mais culturais como música, cinema e teatro.

Em 1967 os estudantes que faziam parte do Centro Estudantil Campinense começavam a se organizar para a realização da II Semana do estudante Campinense.

Seguindo essa perspectiva cultural, os estudantes resolveram convidar além de D. José Maria Pires, também o Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara. Sobre esse momento, o Jornal DB<sup>12</sup> distribuiu nota à imprensa informando que:

O Presidente do Centro Estudantil Campinense, estudante Márcio Villar de Carvalho, viajou ontem a João Pessoa com a finalidade de convidar o Arcebispo D. José Maria Pires para pronunciar palestra para os estudantes por ocasião da II Semana do estudante Campinense.

Naquela ocasião, a nossa cidade estará sendo o centro de encontro de estudantes e palco de debates dos mais importantes problemas que envolvem a classe estudantil de nossa cidade.

#### PRESENÇA DE D. HELDER

Após haver efetuado o convite a D. José Maria Pires, o Presidente do Centro Estudantil Campinense, rumará para a capital pernambucana, com a finalidade de formular idêntico convite ao Arcebispo de Olinda e Recife, D. Helder Câmara.

O Centro Estudantil Campinense, desta forma, promovendo a II Semana do Estudante Campinense, proporcionará à classe estudiosa de nossa terra, a oportunidade de ouvir a palestra de dois dos mais insignes representantes da Igreja, no Brasil. (JORNAL DIÁRIO DA BORBOREMA, 26 DE JULHO DE 1967, p. 5)

É interessante ressaltar que a estrutura formada pelo CEC para comemorar a Semana do Estudante contava com a participação de estudantes secundaristas e universitários, como lembra o senhor Leimar de Oliveira<sup>13</sup> ao evidenciar que além da questão cultural, os estudantes do CEC também participavam das Olimpíadas estudantis realizadas na cidade de Campina Grande. Segundo o nosso depoente:

- O Centro participava das Olimpíadas estudantis que eram Olimpíadas com jogos realizados em Campina Grande, a princípio pelo Centro, depois os Colégios entraram e também essa forma de Diretoria do Centro ela se repetia em cada Grêmio, pois em cada Grêmio tinha o Presidente e o vice-presidente eleitos e tinha o Conselho de representantes do Grêmio era os representantes de classe de sala de aula. E essa era a estrutura burocrática das Instituições. A Semana do Estudante ela começou sendo apenas de Esporte como isso se chamava “Pegar” e aumentou muito a participação, se verificou que deveria introduzir também o pessoal de Artes, isso era basicamente Esporte e Arte. Porque o Estadual da Prata era muito forte em Arte[...].

Enquanto os estudantes secundaristas participavam de Jogos e Olimpíadas organizadas pelo CEC, os estudantes universitários de Campina Grande realizavam os jogos estudantis que contava com o apoio das Associações da FACE e POLI. É interessante ressaltar que os estudantes universitários mantinham vínculos com os estudantes de João Pessoa através da organização desses jogos estudantis. Uma matéria encontrada no Jornal DB<sup>14</sup> nos informava que “a seleção universitária de Campina Grande dará combate, às 8

horas, no Clube do Trabalhador, à seleção pessoense num sensacional encontro de futebol de salão”.

No entanto, vale ressaltar que a participação dos estudantes de Campina Grande e João Pessoa nos Jogos era caracterizada como algo que propiciava certa valorização dos discentes, uma vez que eram convocados estudantes dessas duas cidades, conforme verificamos nesse trecho da matéria:

[...] À tarde, no Estádio Presidente Vargas , preliminar da América x Paulistano, os acadêmicos campinenses terão pela frente os de João Pessoa num encontro de futebol “association” decerto dos mais sensacionais face a existência de grandes valores nas suas representações.

#### CONVOCAÇÃO

Os dirigentes da FACE e POLI, de comum acordo, já promoveram a seleção dos atletas para os jogos de amanhã nesta cidade, com universitários de João Pessoa: Futebol de Salão: Capa I, Lacerda, Amaral, João Mário, Patrício, João Claudio, Cosmito, Hélio e Humberto (FACE), e da POLI, os seguintes: Lúcio, Garrincha, Sardinha, Simão, Ercio, Ruberleno[...]. (JORNAL DIÁRIO DA BORBOREMA, 16 DE JUNHO DE 1965, P. 6)

Se nesses jogos que eram promovidos pelas Associações da FACE e POLI havia interação entre os estudantes de Campina Grande e João Pessoa, conforme observamos na matéria, em outras atividades também ocorria uma participação estudantil significativa, uma vez que as atividades estudantis estavam relacionadas ao campo cultural, mas também de lazer.

Enquanto havia uma interação entre os estudantes universitários da FACE e POLI, os estudantes secundaristas tinham, a partir do CEC, uma série de promoções culturais relacionados a apresentações Teatrais e cursos intensivos. Dentre essas promoções culturais estavam às palestras e o Curso de Arte, momentos que contava com a participação dos estudantes campinenses.

Pesquisando no DB<sup>15</sup>, encontramos uma matéria que nos informa sobre esse momento:

#### TEATRO CLÁSSICO E MODERNO

Objetivando a orientação dos estudantes campinenses no campo cultural, o Centro Estudantal promoverá hoje, uma palestra do professor Fernando Silveira sobre Teatro Clássico e Moderno, no auditório do Colégio Universitário desta cidade. Prosseguindo com as realizações programadas para o presente mês, realizar-se-á entre os dias 13 e 14, um curso de Arte e Cultural teatral, ministrado pelo professor Serafim. As inscrições para o referido curso serão feitas na sede do Centro Estudantal Campinense no horário da manhã com o Secretário do expediente (DIÁRIO DA BORBOREMA, 6 DE ABRIL DE 1967, p. 03)

Sobre esse momento cultural que os estudantes campinenses estavam vivenciando, pesquisamos no Jornal DB<sup>16</sup> e encontramos uma matéria que foi divulgada, naquele contexto, informando que o Centro Estudantil Campinense “tem procurado imprimir nova orientação cultural para a juventude estudiosa de nossa cidade, iniciativas estas que estão obtendo o mais amplo apoio e acolhida da classe”.

Nesse sentido, enquanto os estudantes secundaristas se organizavam através da Semana do Estudante com a realização de atividades culturais, os estudantes universitários de Campina Grande realizavam o trote como maneira de recepcionar os alunos considerados novatos na Instituição.

Só que o trote estava sendo proibido dentro da Universidade, pois constatamos que foi sendo criada uma imagem acerca do trote como “uma brincadeira de mau gosto”, caracterizando-o como uma atividade violenta, passando a ser vista com maus olhos pelos estudantes universitários, bem como pela própria Instituição.

## **2.2 O Trote, a Calourada Cultural e o CEU: realizações estudantis**

Em tempos de ditadura, o trote foi proibido, uma vez que foi construída a ideia de que a realização do trote dentro da Instituição impossibilitava manter a ordem entre os estudantes. Assim, em nossas pesquisas constatamos no Ofício<sup>17</sup> que havia o desejo de substituir o trote por um “churrasco de confraternização”:

Sr. Presidente

Pelo presente, levamos ao conhecimento de Vossa Senhoria, que atendendo a determinações superiores emanadas da Reitoria, está proibida a realização do trote, seja qual for o argumento invocado.

Em substituição ao trote poderia ser promovido pelo DA com o apoio da Diretoria, um churrasco de confraternização entre os novos e antigos alunos. Na certeza de contar com a cooperação dessa Presidência, na aquiescência das ordens superiores que visam a ordem e a disciplina de nossa Universidade, aproveitamos o ensejo para reiterar os nossos protestos de consideração. (CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS 28.03.1966- De Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque- Diretor ao Ilmo . sr. José Tarcisio de Alencar Formiga- Presidente da DA- Campina Grande-PB).

O trote continuou sendo motivo de discussões na Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba, onde foram realizadas reuniões sobre a sua existência dentro dessa Instituição, bem como discussões que geravam entorço do comportamento dos alunos da época. Porém, em nossas pesquisas encontramos uma Ata de Reunião<sup>17</sup> que faz referência

a esse momento que o trote foi liberado dentro desta Instituição, mas com algumas restrições, conforme documentação pesquisada esclarece:

[...] Fazemos votos desde já que para que o trote que não podemos evitar de todo, venha pelo menos a se realizar de maneira disciplinada, como antes dissemos, constituindo de fato uma festa de confraternização entre calouros e veteranos, não desvirtuada por interesses estranhos à vida universitária. Sem outro assunto para o momento, aproveitamos a oportunidade para reiterar os nossos protestos de estima e apreço. Atenciosamente, Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque – Diretor. (ATA DE REUNIÃO, 1 DE ABRIL DE 1966).

Acerca do trote, fizemos os seguintes questionamentos: Como eram realizados esses trotes? De que maneira os estudantes campinenses desenvolviam essas atividades? Com o objetivo de responder a tais inquietações, o senhor Leimar esclareceu em seu depoimento que:

- Na década de sessenta os trotes era como se fosse um bloco dos sujos, tá entendendo? É... pintava-se fera com orelhas de burro, desfiles, como também tinha uma violência, mas tinha uma parte politizada; era como se fosse um bloco de carnaval, onde jogava confetes. Nesses trotes tinha muita brincadeira de mau gosto, aqui teve um caso de um colega nosso (não lembro o nome) que o deixaram em cima de um bloco, pois quando ele subiu, tiraram a escada e ele ficou em cima [...] começou a dar para os feras óleo de rícino (um tipo de óleo que dava dor de barriga até em boneco) para obrigar os feras a beber, cachaça e por aí [...] era brincadeira de mal gosto mesmo (Relato de Leimar de Oliveira).

Mesmo com as restrições acerca da realização do trote na Escola Politécnica, os estudantes continuavam a realiza-la. Porém, outra atividade começa a surgir dentro da Instituição e logo foi denominada de calourada cultural. Fizemos o seguinte questionamento: Existe alguma diferença entre o trote e a denominada calourada cultural? Por que surge, nesse contexto, a calourada cultural? Sobre essas inquietações, o senhor Leimar de Oliveira<sup>18</sup> nos afirmou que:

- O trote era uma brincadeira de mal gosto e a calourada tinha mais um caráter cultural. Você tinha palestra, você tinha vários temas pra se discutir e também tinha festa, agora era uma festa como uma festa de conluente e encerrava a semana. Nessa mesma semana que a desinformação era muito grande as calouradas seguintes, passou-se a ter na terça-feira encontro dos feras com os Coordenadores de curso pra dizer como era o curso, o que se fazia, como era o básico, como funcionava o básico porque naquela época nós chegávamos aqui sem a menor informação que fosse o curso, sem a menor informação; chegava, se matriculava e pronto... e a calourada começou a se interessar por isso e aí sempre entrava a questão política, quando começou a aumentar o número de alunos e não corresponder a estrutura, a calourada era um momento de mobilização pra contratação de novos professores, isso aí os estudantes participavam (Relato de Leimar de Oliveira)

De acordo com o nosso depoente “a trajetória do movimento estudantil secundarista fez relação com o movimento universitário. Acabamos o trote que tinha um caráter violento e substituímos pela calourada”<sup>19</sup>. Em nossas pesquisas encontramos uma matéria do DB<sup>20</sup> que mostra como se deu a realização da “Festa do Calouro” pelo Clube dos Estudantes Universitários. Por acreditarmos ser de suma importância o conteúdo desta matéria, resolvemos trazê-la na íntegra para que o leitor tivesse uma melhor compreensão. Assim, de acordo com o Jornal analisado por nós:

Tendo como objetivo principal a confraternização de todos os universitários da Paraíba, a diretoria do Clube dos Estudantes Universitários de Campina Grande fará realizar a 15 de abril a “Festa do Calouro”, no GINASÍUM do Campinense Clube.

#### UNIVERSIDADE

A iniciativa contará com a colaboração direta de todas as Faculdades desta cidade e dará continuidade ao tradicional clima de amizade existente entre os universitários campinenses e pessoenses. Na ocasião, também serão homenageados os integrantes da Fundação Universidade Regional do Nordeste.

#### PREÇOS

O preço da mesa será de seis cruzeiros novos. Cada cartão de mesa acompanhará quatro individuais masculinos, destacáveis e transferíveis por meio de venda a terceiros. O individual custará dois cruzeiros novos na portaria. O estudante que comprar uma mesa terá direito a três individuais, vendidas a universitários ou não, a dois cruzeiros, podendo, por conseguinte reembolsar o custo da mesa.

#### CONVITES

Todos os calouros da Paraíba foram convidados através dos seus respectivos diretórios. Os ofícios convites serão entregues pessoalmente pela Comissão no início da próxima semana em João Pessoa. Foram convidados os Magníficos Reitores da UFP e FURN, além dos diretores das Escolas Superiores, autoridades civis e militares e a imprensa.

#### PROGRAMAÇÃO

A Programação assinala no dia 15, às 22 horas, baile no Ginásio do Campinense Clube, oportunidade em que será escolhida a “Rainha dos Calouros da Paraíba”. No dia seguinte, haverá matinal gigante no CEU, das dez às quinze horas, animada pelo conjunto de Ogirio Cavalcanti ( JORNAL DIÁRIO DA BORBOREMA, 5 DE ABRIL DE 1967; p. 02).

A matéria não informa por quem era composta a diretoria do Clube dos Estudantes Universitários, porém chama atenção para a forma como era organizada as festas que envolviam estudantes universitários de Campina Grande e João Pessoa. Demonstra um espaço que era utilizado como forma de sociabilidade entre os estudantes e a sociedade em geral, mas apresenta uma contradição, haja vista que os estudantes estavam vivenciando um período ditatorial e, no entanto, nesses eventos tinha-se a presença de autoridades civis e militares como convidados dos estudantes. Levantamos a hipótese de que a presença dessas

autoridades na festa dos estudantes era uma iniciativa que partia da liderança estudantil do que dos estudantes que faziam parte do movimento estudantil na época.

De acordo com a matéria, a diretoria do Clube dos Estudantes Universitários de Campina Grande seria responsável pela realização da “Festa do Calouro”. Porém, com o objetivo de evidenciar melhor a atuação do denominado CEU, enfatizaremos o depoimento do senhor Antônio Marcos Barbosa<sup>21</sup>. Segundo o nosso depoente:

- [...] Os eventos culturais, artísticos, inclusive eles organizavam os estudantes universitários na parte relacionada ao laser no Clube dos Estudantes Universitário, antigo CEU. Então, lá tinha uma frequência enorme de pessoas porque era uma maneira de atrair alunos para discussões políticas e foi muito gratificante essa época porque pude dar minha parcela de contribuição para conscientizar pessoas sobre o movimento. Naquela época, o pouco que se fazia era importante [...] (Relato de Antônio Marcos Barbosa).

Ainda sobre o CEU, o senhor Marcos Barbosa relembra:

- O CEU era uma espécie de aglutinador de pessoas porque na época, eu me lembro bem que se falava em manter unida as pessoas, de qualquer modo, as pessoas pensavam pouco a sério a atual situação política da época (...) Era um momento de descontração que o pessoal se encontrava e estreitavam os laços de amizade ; então o CEU foi muito importante nesse aspecto. Agora movimento cultural não se tinha uma representação, era mais um clube de dança que tocava musica e o pessoal dançava, tomava um drink e etc (Relato de Marcos Barbosa).

Diferentemente da atuação da visão apresentada pelo Senhor Marcos Barbosa de que o CEU “como movimento cultural não se tinha um representação”, o senhor Leimar de Oliveira recorda que nessa época o CEU foi importante para os universitários porque:

- [...] lá tínhamos as noites de musica popular brasileira, a iluminação era normal que era um ambiente universitário para se conversar, que achávamos que faltava isso [...] Nas noites de sábado e do domingo tinham as boates, tinha a boate do CEU aberto a todo mundo e esse dinheiro gerado pelo CEU permitia que quando quiséssemos ir a encontro, participar de encontro, promover a nossos encontros, não passássemos corda na rua. Nunca passamos corda na rua porque nós tínhamos toda uma estrutura (Relato de Leimar de Oliveira).

A ideia apresentada pelo senhor Leimar de Oliveira de que o dinheiro arrecadado pelo CEU permitia aos estudantes que não se passasse “corda na rua”<sup>22</sup> faz referência à forma como os estudantes se organizavam no Clube dos Estudantes Universitários com o intuito de conseguir subsídios que promovessem seus encontros estudantis.



Com a instauração da Ditadura Militar e o seu endurecimento a partir de 1969, o CEU tem o seu fechamento. Sobre esse acontecimento, o senhor Leimar de Oliveira<sup>23</sup> acrescenta:

- O CEU foi fechado pela repressão em 1969 porque justamente aglutinava muita gente, mas até 69 ele funcionava regularmente como se fosse um bar para encontro, tendo as festas dançantes com disco e na maioria compacto. Era muito difícil, uma vez ou outra era que tinha musica ao vivo [...]. a repressão batia em cima [...] (Relato de Leimar de Oliveira).

Com o aumento da repressão e o conseqüente endurecimento do regime militar, aos estudantes campinenses, o CEU vai ser fechado em 1969 deixando de ser um espaço de sociabilidade.

## **“A MENINA DOS OLHOS DA REPRESSÃO”: CENSURA A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR**

### **3.1 Surgimento do MPB e o contexto de 1968**

O Sociólogo Nildo Viana em seu artigo intitulado *Reflexões sobre a Música Popular Brasileira*<sup>24</sup> evidencia que para definir o termo MPB “é bastante complexa e depende do ponto de vista teórico-metodológico de quem a faz, do ponto de vista do pensamento complexo, ou dos valores e concepções, do ponto de vista das representações cotidianas”. Dessa forma, quando evidenciarmos nesse trabalho sobre Música Popular Brasileira estamos nos referindo as músicas que foram compostas na década de sessenta e que, de certa forma, serviram para se contrapor a um determinado período da história brasileira.

Vale lembrar que a chamada música de protesto no Brasil não é algo novo, uma vez que, mesmo antes da instauração do golpe militar, seus compositores já sofriam com censura em suas letras quando eram analisadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)<sup>25</sup> ainda no contexto da década de quarenta.

De acordo com Souza (2010)<sup>26</sup>, vai ser ainda no período do primeiro governo de Getúlio Vargas no Brasil (1939-1945) que o DIP vai ser extinto: “mais precisamente em 25 de maio de 1945, surgindo em seu lugar o DNI (Departamento Nacional de Informações), o qual foi editado no ultimo ano do Estado Novo visando amenizar o caráter autoritário do Governo Vargas”.

Porém, na década de sessenta, mais precisamente no dia 13 de dezembro de 1968 que foi lançado o Ato Institucional Nº 05<sup>27</sup> no Brasil. Com o AI-5, acreditava-se que a presença cultural no Brasil havia chegado ao final. Mas isso não aconteceu, pois evidenciaremos que os estudantes tiveram uma participação significativa na sociedade da época, uma vez que em tempos de ditadura era necessário manter ativa a vida cultural mesmo que fosse lutando contra os abusos de um regime ditatorial.

De acordo com o historiador Souza (2010)<sup>28</sup> foi a partir do AI-5 que a censura política vai atuar “de maneira acentuada sobre a música popular brasileira, principalmente sobre a música de matriz contestatória ou critica as diretrizes políticas econômicas e sociais surgidas no período da ditadura militar no Brasil”.

É interessante ressaltar que censura era um dos meios que o regime militar brasileiro utilizava para perseguir, principalmente, os estudantes que na década de sessenta estavam imbuídos do desejo de transformação da realidade social no qual estavam inseridos.

De acordo com o historiador Carlos Fico (2001)<sup>29</sup> “os estudantes eram visados pelos órgãos de informações ao regime, principalmente nas décadas de 1960 e 1970 em que seus comportamentos relacionados à sexualidade às drogas eram considerados facilitadores da subversão”.

Nesse sentido, em meados de 1960, de acordo com Souza (2010)<sup>30</sup>, “a música de protesto se desenvolveu no Brasil sob o impulso e estímulo dos Festivais de Canção”. Nesse sentido, qualquer manifestação cultural ou científica, seja cinema, arte, literatura ou teatro sofreram repressão nesse período.

De acordo com Souza (2010)<sup>31</sup> “Compositores e cantores que não se enquadrariam na música de protesto chegaram a ter composições censuradas como Odair José e a dupla Dom e Ravel, por exemplo, por tratarem temas comportamentais que se relacionavam a censura moral”. Porém, a MPB considerada “a menina dos olhos da repressão” passa a sofrer cortes em seus versos, quando suas canções não eram totalmente censuradas.

Assim, no que diz respeito a ditadura militar no Brasil, compreendemos que o campo musical sofreu impactos, se transformando em objeto de interesse da sociedade brasileira, uma vez que suas composições, melodias e ritmos podem caracterizar um importante instrumento na luta por mudanças na sociedade brasileira da década de sessenta.

É interessante ressaltar, se por um lado existiam as músicas compostas no período ditatorial que contestavam o período militar na época, por outro lado, existiram composições que foram consideradas na época como canções encomendadas pelo regime militar, canções que exaltavam esse momento ditatorial que o país estava vivenciando, compositores que foram apelidados de “filhotes da ditadura”<sup>32</sup>.

Nesse sentido, evidenciaremos a música “Eu te amo meu Brasil” com o objetivo de compreendermos como seus versos estavam voltados para um patriotismo ao evidenciar a alegria, satisfação e contentamento de um povo num momento em que o país estava mergulhado numa tensão ocasionado pelo processo de censura, repressão e perseguição no período ditatorial.

### 3.2 Breve análise da letra de música – Eu te amo meu Brasil

Eu Te Amo Meu Brasil

Os Incríveis

Escola...

Marche...

As praias do brasil ensolaradas

Lá lá lá lá...

O chão onde país se elevou

A mão de Deus abençoou

Mulher que nasce aqui

Tem muito mais amor

O Céu do meu Brasil tem mais estrelas

O sol do meu país, mais esplendor

A mão de Deus abençoou

Em terras brasileiras vou plantar amor

Eu te amo, meu Brasil, eu te amo

Meu coração é verde, amarelo, branco, azul-anil

Eu te amo, meu Brasil, eu te amo

Ninguém segura a juventude do Brasil

As tardes do Brasil são mais douradas

Mulatas brotam cheias de calor

A mão de Deus abençoou

Eu vou ficar aqui, porque existe amor

No carnaval, os gringos querem vê-las

Num colossal desfile multicolor

A mão de Deus abençoou

Em terras brasileiras vou plantar amor

Adoro meu Brasil de madrugada, lá, lá, lá, lá.

Nas horas que eu estou com meu amor, lá, lá, lá, lá.

A mão de Deus abençoou.

A minha amada vai comigo aonde eu for.

As noites do Brasil tem mais beleza, lá, lá, lá, lá.  
A hora chora de tristeza e dor, lá, lá, lá, lá.  
Porque a natureza sopra e ela vai-se embora enquanto eu planto amor.  
Eu te amo meu Brasil, eu te amo.  
Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil.  
Eu te amo meu Brasil, eu te amo.  
Ninguém segura a juventude do Brasil. 2 x

A música *Eu te amo meu Brasil* foi composta pelo cantor Dom da dupla *Dom e Ravel* no início dos anos 1970, mas se tornou conhecida quando foi interpretada pela Banda *Os Incríveis* na década de setenta. Diferentemente das músicas que eram compostas como forma de contestação ao regime militar no Brasil, a composição *Eu te amo meu Brasil* buscava exaltar as belezas naturais do Brasil, num período que o país estava tomado pela euforia da Copa do mundo nos anos 70.

É interessante ressaltar que a letra da música de Dom e Ravel estão envoltos de um patriotismo ao evidenciar o Brasil como um país promissor, enquanto se vivenciava um contexto de ditadura militar em que a repressão e perseguição havia se instaurado.

De acordo com Carvalho (2012)<sup>33</sup> a música *Eu te amo eu Brasil*, foi lançada no período da ditadura militar em que o país “estava vendendo a sua imagem de um País promissor veiculada nos meios de comunicação, através das propagandas de origem do chamado: “milagre econômico” para captar atenção e maior prestígio junto à população”.

Assim, nesse momento crucial de nossa história que foi o período ditatorial no Brasil, percebemos que havia uma necessidade de evidenciar o país como um local abençoado por Deus, onde existia amor e sua juventude tinha um papel primordial no desenvolvimento da Nação. Esses aspectos estão presentes no seguinte trecho da música *Eu te amo meu Brasil*: [...]“Ninguém segura a juventude do Brasil, As tardes do Brasil são mais douradas, Mulatas brotam cheias de calor, A mão de Deus abençoou, Eu vou ficar aqui, porque existe amor[...]”.

## 5. METODOLOGIA

O presente trabalho tem como recorte espacial a cidade de Campina Grande-PB, no período da década de sessenta, onde se recorreu a fontes como História Oral, Jornal e bibliografia para evidenciar as experiências dos estudantes relacionadas à vida cultural campinense em tempos de Ditadura Militar.

Inspirado nestes referenciais de estudo se buscou, metodologicamente, explorar as fontes em consonância com o objeto, observando qual o lugar institucional de quem o escreveu e quais foram às intencionalidades que o fizeram produzir tais documentos. De acordo com Portelli (2007)<sup>34</sup>, “[...] a história oral pesquisa a memória dos indivíduos como desafio, encarando a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como um processo em andamento”.

Nesse sentido, nos relatos dos depoentes acerca do ME, irá se perceber como se dava suas histórias de resistência no contexto da ditadura militar, bem como compreender que a memória tem uma função social. Para Bosi (1994)<sup>35</sup> a “[...] memória mostra que o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária no que lembra e na forma como lembra”.

De acordo com Bosi (1994), o tempo da memória é social, pois repercute no sentido e no modo de lembrar, sendo que a própria lembrança é uma imagem construída por um conjunto de representações que estão presentes na consciência. Assim, por mais nítida que seja uma lembrança, ela não expressará sempre a mesma imagem, pois o sujeito não será sempre o mesmo de então e, possivelmente, as percepções se altera e com elas as ideias acerca da realidade.

Assim, se percebe que as histórias dos depoentes estão em constantes mudanças, pois em seus depoimentos acerca do Movimento Estudantil de Campina Grande não há uma linearidade dos acontecimentos e as histórias narradas mudam de acordo com suas lembranças. Dessa forma, ao longo da pesquisa constata-se, através da história oral, que os entrevistados nem sempre estão preocupados em organizar suas narrativas de forma cronológica, mas em conservar os fatos na construção das histórias do passado.

Outra fonte que se utilizou foram os Jornais, nesse caso, O Diário da Borborema. Vale lembrar que o Jornal, enquanto fonte é muito utilizado por pesquisadores, apesar dela já ter sido considerado uma fonte suspeita, a ser usada com cautela, pois apresentava problemas de credibilidade, daí muitas pesquisas se recusarem a utilizá-la enquanto fonte.

No entanto, ao se utilizar os Jornais, enquanto fonte é necessário se compreender quais as intencionalidades de quem as produziu, pois ao longo da pesquisa se depara com fontes tendenciosas. Ou seja, fontes que servem aos interesses dos donos do poder. Para Koselleck (2006)<sup>36</sup> o desejo do historiador em transformar esses vestígios em fontes que testemunham a história o faz percorrer caminhos opostos. Portanto, “[...] ou ele analisa fatos que foram anteriormente articulados na linguagem ou com ajuda de hipótese e métodos reconstrói fatos que ainda não chegaram a ser articulados, mas que ele revela a partir de vestígios”.

Nesse sentido, se resolveu utilizar os Jornais, enquanto fonte, na pesquisa, porque a partir deles se tem um novo olhar acerca do estudo sobre Movimento Estudantil de Campina Grande, no período da ditadura militar. Pois transformar um jornal em fonte histórica é uma operação em que o historiador se relaciona com caminhos teóricos e metodológicos diferenciados. Cruz e Peixoto (2007)<sup>37</sup> afirma que é necessário “[...] entender a imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias e compreendidas como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade”.

Para Camargo (1971)<sup>38</sup> “[...] o jornal, principalmente quando formativo, é um tipo de documento que dá aos historiadores a medida mais aproximada da consciência que os homens têm de sua época e de seus problemas”. Assim sendo, ao se analisar as matérias dos Jornais não se encara como uma verdade, mas uma versão da história de luta dos estudantes campinenses que serve para reafirmar ou confrontar com outras fontes utilizadas aqui como a história oral, por exemplo.

Ao discutir a importância das fontes no campo da história, Carlo Ginzburg(2007)<sup>39</sup> em seu artigo O inquisidor como antropólogo, sugere as ambíguas implicações de trabalho entre antropólogos, historiadores e o trabalho inquisitorial que envolve o caso da feitiçaria. Ginzburg chama atenção do historiador para que ele não assuma o papel de inquisidor, pois o “[...] impulso dos inquisidores no sentido de buscar a verdade (a verdade deles, naturalmente) nos legou uma documentação extremamente rica, decerto, mas profundamente distorcida pelas pressões físicas e psicológicas”.

Nesse sentido, por se lidar com diferentes documentos, se propôs no presente trabalho a fazer o entrecruzamento de fontes, analisando os depoimentos dos militantes estudantis através do método da História Oral; A visão apresentada nos textos jornalísticos do Diário da Borborema acerca da atuação dos estudantes de Campina Grande na década de sessenta, bem como as referências bibliográficas. Compreendendo que “[...] o historiador

deve empregar o método para entender e descobrir o conteúdo, assim como a forma que ele se articula com a realidade, e não impor a sua visão de como deveria ser”<sup>40</sup>.



## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho se buscou mostrar que os estudantes campinenses continuaram tendo uma vida cultural ativa após a instauração da Ditadura Militar em 1964 através da realização das atividades culturais que contava com a participação de estudantes secundaristas e universitários.

Recorreu-se às diversas fontes como História Oral, Jornais e referências bibliográficas para demonstrar que estes estudantes mesmo com a perseguição no período ditatorial, continuaram se reunindo. Nesse sentido, os depoimentos dos militantes estudantis da época analisada foram de suma importância para se compreender como ocorria essa dinâmica, no sentido de se identificar de que forma aconteciam esses encontros em tempos de ditadura.

A temática do Movimento Estudantil de Campina Grande é muito instigante e, por isso mesmo, acredita-se que as pesquisas sobre esse assunto não se encerram aqui, uma vez que essa foi apenas uma possibilidade de análise que se apresentou a partir dessa pesquisa.

Esse trabalho dá uma contribuição a História, mais precisamente ao campo da História da Educação, uma vez que se está relacionando a pesquisa ao campo estudantil, ao evidenciar a vida cultural dos estudantes campinenses no contexto da década de sessenta na Paraíba.

Esse momento de conclusão de um trabalho representa o fechamento de um ciclo para que novos ciclos possam ser iniciados. Significa que essa história foi escrita, dando-se uma contribuição significativa para a história dos estudantes campinenses no contexto de ditadura militar em Campina Grande, porém reafirma o desejo de que muitas outras histórias possam ser escritas a partir dessa temática.

Ao se fechar esse ciclo de pesquisa, não se está colocando, um ponto final nos estudos acerca dos estudantes campinenses, pois logo se estará adentrando novos caminhos com o desejo de que novas histórias possam ser escritas sobre esse período.

<sup>1</sup>FICO, Carlos. O Golpe de 1964: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. Coleção FGV de bolso. Série História. p. 7.

<sup>2</sup>Como sugestão de leitura temos os seguintes artigos: TOLEDO, Caio N. de. 1964: Golpismo e democracia. As falácias do revisionismo. Crítica Marxista; BENEVIDES, Maria Victoria. 64, um golpe de Classe? (Sobre um livro de René Dreifuss); NAPOLITANO, Marco. O golpe de 1964 e o regime militar brasileiro- Apontamentos para uma revisão historiográfica. Historia y problemas del siglo XX/ Volumem 2, Año 2, 2011; MATTOS, Marcelo Badaró. O Governo João Goulart: novos rumos da produção historiográfica. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 28, nº 55, p. 245-263, 2008; RAMOS, Carla Michelle- Resenha- O golpe e a ditadura militar : quarenta anos depois(1964-2004)- REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo, MOTTA, Rodrigo Sá (Orgs). Bauru, SP: Edusc, 2004, 334 p. CODATO, Adriano Nervo. O Golpe de 1964 e o Regime de 1968: Aspectos conjunturais e variáveis historiográficas; ARAUJO, Maria Paula Nascimento. 40 anos do golpe militar: oportunidade para uma reflexão histórica e historiográfica sobre a ditadura e a resistência no Brasil. Universidade Federal do Espírito Santo- Departamento de História. Dimensões Vol 16. 2004; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. O governo João Goulart e o Golpe de 1964: da construção do esquecimento às interpretações acadêmicas. Revista Grafia Vol. 9 dezembro 2012 pp. 175-191; FICO Carlos. Versões e Controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 24 nº 47, p. 29-60. 2004.

<sup>3</sup>FICO, Carlos. O Golpe de 1964: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. Coleção FGV de bolso. Série História p. 9.

<sup>4</sup>Campina Grande é um município brasileiro situado no estado da Paraíba. Considerada um dos principais polos industriais da Região Nordeste bem como um dos maiores polos tecnológicos da América Latina foi fundada em 1º de dezembro de 1697, tendo sido elevada à categoria de cidade em 11 de outubro de 1864. De acordo com estimativas de 2013, sua população é de 400.002 habitantes, sendo a segunda cidade mais populosa da Paraíba, e sua região metropolitana, formada por 19 municípios, possui uma população estimada em 626 937 habitantes.”. Para saber mais : [http://pt.wikipedia.org/wiki/Campina\\_Grande](http://pt.wikipedia.org/wiki/Campina_Grande) , acesso em 15.08.2014.

<sup>5</sup>FACE quer trazer Gilberto Freyre para Conferências. In: Diário da Borborema, 17 de janeiro de 1965.

<sup>6</sup>Programa de homenagem a Gilberto Freyre em elaboração. In: Diário da Borborema, 5 de março de 1965. p. 3.

<sup>7</sup>Dom José Maria Pires para aula inaugural da URN. In: Diário da Borborema, 28 de fevereiro de 1966. p. 8

<sup>8</sup>Fala proferida pelo Jornal DB em matéria intitulada Dom José Maria Pires para aula inaugural da URN. Ver mais em Diário da Borborema, p.08

<sup>9</sup>Fala encontrada no Jornal Diário da Borborema, edição de 21 de maio de 1966. Reitoria da Universidade promove difusão cultural. p. 8

<sup>10</sup>Fala encontrada no Jornal Diário da Borborema, edição de 21 de maio de 1966. Reitoria da Universidade promove difusão cultural. p. 8.

<sup>11</sup>Semana do Estudante vai ser comemorada com vasto programa, 09 de agosto de 1966- In: DIÁRIO DA BORBORMA. p. 06

<sup>12</sup>Estudantes convidam Helder para Palestra. In: Diário da Borborema, 26 de julho de 1967

<sup>13</sup>Entrevista concedida à autora pelo senhor Leimar de Oliveira. Campina Grande, 18 de fevereiro de 2014.

<sup>14</sup>Universitários campinenses e pessoenses promovem jogos. In: Diário da Borborema, 16 de agosto de 1965, p. 6.

<sup>15</sup>Campina Grande, 6 de abril de 1967- Centro Estudantal promoverá teatro e os cursos intensivos p. 3

<sup>16</sup> Campina Grande, 6 de abril de 1967- Centro Estudantal promoverá teatro e os cursos intensivos p. 3

<sup>17</sup> Nº 100/66 do Diretor Lynaldo Cavalcante de Albuquerque ao senhor José Tarcísio de Alencar Formiga- Presidente do DA; 28 de março de 1966. CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS. ARQUIVO GERAL DA UFCG.

<sup>18</sup>Ata de Reunião do Conselho Departamental da Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba, realizada em 1º de abril de 1966.

<sup>19</sup>Entrevista concedida a autora pelo senhor Leimar de Oliveira em Campina Grande, no dia 30 de abril de 2013.

<sup>20</sup>Fala proferida pelo Senhor Leimar de Oliveira em entrevista concedida à autora em Campina Grande-PB no dia 18 de fevereiro de 2014.

<sup>21</sup>Campina Grande, 5 de abril de 1967- Festa dos calouros reunirá todos os “feras da Paraíba” p. 02

<sup>22</sup> Fala proferida pelo senhor Marcos Barbosa em entrevista concedida à autora em Campina Grande-PB no dia 18 de fevereiro de 2014.

<sup>23</sup> A expressão “corda na rua” foi utilizada por nosso depoente e faz referência a forma como os estudantes adquiriam recursos financeiros para suas atividades. Geralmente ele paravam os automóveis no centro da cidade e recolhiam dinheiro dos motoristas que quisessem ajuda-los.

<sup>24</sup>Entrevista concedida pelo Senhor Leimar de Oliveira em entrevista concedida à autora em Campina Grande-PB no dia 18 de fevereiro de 2014.

<sup>25</sup>O autor é “Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás (1992), é mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (1995) e em Sociologia pela Universidade de Brasília (1999) e doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (2003). Atualmente é professor da Universidade Federal de Goiás”. Ver mais em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Nildo\\_Viana\\_VIANA](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nildo_Viana_VIANA), Nildo. Reflexões sobre a Música Popular Brasileira. Humanidades em Foco, v. 04, num. 7. p. 6, 2006.

<sup>26</sup>De acordo com Souza (2010), “ o DIP foi criado em 27 de dezembro de 1939 pelo Decreto Lei nº 1.915. Para ele, o DIP extinguiu o DNP(Departamento nacional de Propaganda) o qual abrangia a imprensa, o rádio o cinema e o turismo, difundindo informações em âmbito nacional e internacional, e se ocupando de modo especial com o rádio ao editar o Programa a “Hora do Brasil” que por sua vez, havia substituído em 1938 o DPDC( Departamento de Propaganda e Difusão Cultural) que tinha sido criado em 1934 em substituição ao DOPS(Departamento Oficial de Publicidade) criado pelo Governo Provisório em 02 de julho de 1931)”. Para maiores esclarecimentos ver: SOUZA, Amilton Justo de. “É o meu parecer”: a censura política à música de protesto nos anos de Chumbo do regime militar no Brasil ( 1969-1974). Dissertação de Mestrado. João Pessoa, 2010, p. 61

<sup>27</sup>SOUZA, Amilton Justo de. “É o meu parecer”: a censura política à música de protesto nos anos de Chumbo do regime militar no Brasil ( 1969-1974). Dissertação de Mestrado. João Pessoa, 2010, p. 64

<sup>28</sup>De acordo com Santana (2007) “foi através do AI-5, o presidente orientado pelo Conselho de Segurança Nacional , adotou as seguintes medidas: fechou o Congresso Nacional por tempo indeterminado, bem como várias Assembleias Legislativas e Câmaras de Vereadores; transferiu o Poder executivo as principais funções , que até então eram de responsabilidade do Legislativo; decretou a intervenção federal em muitos municípios, impôs a censura a imprensa, entre outros”. Ver mais em: SANTANA, Flávia de Angelis. Atuação política do movimento Estudantil no Brasil: 1964-1984. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Departamento de História da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2007, p. 115-116.

<sup>29</sup> Idem; Ibidem p. 28.

<sup>30</sup>FICO, Carlos. Como eles agiam. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 187.

<sup>31</sup> Para maiores esclarecimentos ver: SOUZA, Amilton Justo de. “É o meu parecer”: a censura política à música de protesto nos anos de Chumbo do regime militar no Brasil ( 1969-1974). Dissertação de Mestrado. João Pessoa, 2010, p. 19

<sup>32</sup> Para maiores esclarecimentos ver: SOUZA, Amilton Justo de. “É o meu parecer”: a censura política à música de protesto nos anos de Chumbo do regime militar no Brasil ( 1969-1974). Dissertação de Mestrado. João Pessoa, 2010, p. 22.

<sup>33</sup>**CARVALHO, Antônio Sabino de. Música Popular Brasileira em tempos de Ditadura: análise das canções de Don e Ravel (1974-1982) . Universidade Estadual de Goiás. Unidade Universitária de Jussara. p. 44**

<sup>34</sup>PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. IN: História Oral: desafios para o século XXI/ Organizado por Marieta de Moraes Ferreira; Tania Maria Fernandes e Verena Alberti- Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC- Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 66

<sup>35</sup>ECLÉA, Bosi. Memória e sociedade: lembranças de velhos- 3º ed- São Paulo: Companhia das Letras, 1994 p. 31

<sup>36</sup>KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão Wilma Patricia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamim- Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC- Rio, 2006 p. 305

<sup>37</sup>CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa IN: Projeto História, São Paulo, nº 35, dez. 2007; p. 02.

<sup>38</sup>CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A Imprensa periódica como fonte para a história do Brasil. In: Portos, Rotas e Comércio. Vol II Anais do V Simpósio Nacional de Professores Universitários de História. ANPUH. Campinas, Setembro 1969. Org. Professor Eurípedes Simões de Paula. p. 01.

<sup>39</sup>GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício- Carlo Ginzburg: tradução de Rosa Freire d' Aguiar e Eduardo Brandão- São Paulo: Companhia das Letras, 2007 p. 283-284.

<sup>40</sup>GRESPLAN, Jorge- Considerações sobre o método. In: Fontes Históricas. PINSKY, Carla Bassanezi (Org) 2ª reimpressão; SP; Contexto, 2010. p. 293.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **40 anos do golpe militar: oportunidade para uma reflexão histórica e historiográfica sobre a ditadura e a resistência no Brasil.** Universidade Federal do Espírito Santo- Departamento de História. Dimensões Vol 16. 2004

CODATO, Adriano Nervo. **O Golpe de 1964 e o Regime de 1968: Aspectos conjunturais e variáveis historiográficas**

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O governo João Goulart e o Golpe de 1964: da construção do esquecimento às interpretações acadêmicas.** Revista Grafia Vol. 9 dezembro 2012 pp. 175-191;

FICO Carlos. **Versões e Controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar.** Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 24 nº 47, p. 29-60. 2004.

FICO, Carlos. **Como eles agiam.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

FICO, Carlos. **O Golpe de 1964: momentos decisivos.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. Coleção FGV de bolso. Série História

MATTOS, Marcelo Badaró. **O Governo João Goulart: novos rumos da produção historiográfica.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 28, nº 55, p. 245-263, 2008.

NAPOLITANO, Marco. **O golpe de 1964 e o regime militar brasileiro- Apontamentos para uma revisão historiográfica.** Historia y problemas del siglo XX/ Volumem 2, Año 2, 2011.

RAMOS, Carla Michelle- Resenha- **O golpe e a ditadura militar : quarenta anos depois(1964-2004)-** REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo, MOTTA, Rodrigo Sá (Orgs). Bauru, SP: Edusc, 2004, 334 p.

SANTANA, Flávia de Angelis. **Atuação política do movimento estudantil no Brasil: 1964-1984.** Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Departamento de História da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2007.

SOUZA, Amilton Justo de. **“É o meu parecer”:** a censura política à música de protesto nos anos de Chumbo do regime militar no Brasil ( 1969-1974). Dissertação de Mestrado. João Pessoa, 2010.

TOLEDO, Caio N. de. **1964: Golpismo e democracia. As falácias do revisionismo. Crítica Marxista;** BENEVIDES, Maria Victoria. 64, um golpe de Classe? (Sobre um livro de René Dreifuss)

VIANA, Nildo. **Reflexões sobre a Música Popular Brasileira.** Humanidades em Foco, v. 04, num. 7. p. 6, 2006.

## **JORNAL- MATÉRIAS**

### **CENTRO ESTUDANTAL PROMOVERÁ TEATRO E OS CURSOS INTENSIVOS.**

In: Diário da Borborema, 6 de abril de 1967, p. 3

**DOM JOSÉ MARIA PIRES PARA AULA INAUGURAL DA URN.** In: Diário da Borborema, 28 de fevereiro de 1966. p. 8

**ESTUDANTES CONVIDAM HELDER PARA PALESTRA.** In: Diário da Borborema, 26 de julho de 1967.

**FACE QUER TRAZER GILBERTO FREYRE PARA CONFERÊNCIAS.** In: Diário da Borborema, 17 de janeiro de 1965.

**PROGRAMA DE HOMENAGEM A GILBERTO FREYRE EM ELABORAÇÃO.** In: Diário da Borborema, 5 de março de 1965. p. 3.

**SEMANA DO ESTUDANTE VAI SER COMEMORADA COM VASTO PROGRAMA,** 09 de agosto de 1966- In: Diário da Borborema. p. 6

**UNIVERSITÁRIOS CAMPINENSES E PESSOENSES PROMOVEM JOGOS.** In: Diário da Borborema, 16 de agosto de 1965, p. 6.

## **ATA DE REUNIÃO/ OFÍCIOS**

Ata de Reunião do Conselho Departamental da Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba, realizada em 1º de abril de 1966.

Nº 100/66 do Diretor Lynaldo Cavalcante de Albuquerque ao senhor José Tarcísio de Alencar Formiga- Presidente do DA; 28 de março de 1966. **CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS.** ARQUIVO GERAL DA UFCG.

## **SITES**

<http://pt.wikipedia.org/wiki/>, acesso em 15.08. 2014

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Nildo\\_Viana](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nildo_Viana), acesso em 15.08.2014

## **HISTÓRIA ORAL**

BARBOSA, Antônio Marcos. Campina Grande-PB, 18 de fevereiro de 2014.

OLIVEIRA, Leimar de. Campina Grande-PB, 18 de fevereiro de 2014.